

CADERNO DE RESUMOS



**IV SEMINÁRIO ESTADUAL DE
MUSICOTERAPIA
50 ANOS DE AMT-RJ**

De onde viemos? Para onde vamos?

Saberes, processos e fazeres.

6 a 8 de Setembro de 2018

UFRJ - IPUB, Rio de Janeiro, RJ

SALA LEME LOPES

IMPACTO DA MUSICOTERAPIA NO ESTRESSE DE DEPENDENTES QUÍMICOS

Gunnar Glauco De Cunto Carelli Taets¹

Chistian Marx Carelli Taets²

Thelma Nunes Taets³

Marcia Alves Marques Capella⁴

Trata-se de um estudo realizado durante o Pós-Doutoramento pelo Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A dependência das drogas é um fenômeno mundial que gera consequências tanto para o dependente como para as demais pessoas do seu convívio no âmbito físico, psíquico e social. O estresse é considerado o fator que mais contribui para o comportamento compulsivo durante o curso da dependência de drogas⁽¹⁾. Há sugestões de que a dependência esteja implicada com mecanismos motivacionais; e o estado motivacional é controlado por processos básicos de regulação homeostática. O cortisol, como tem sido considerado o hormônio do estresse, pois a sua produção e secreção aumentam durante e após a exposição a alguns fatores estressores⁽²⁾. O cortisol salivar, especificamente, além de ser uma importante variável de mensuração, constitui-se numa medida eficaz, acessível, rápida e não invasiva. A Musicoterapia vem se consolidando como coadjuvante no tratamento e atenção aos usuários de substâncias psicoativas junto a instituições públicas, clínicas especializadas e comunidades terapêuticas⁽³⁾. O objetivo: avaliar o efeito da musicoterapia sobre o estresse de dependentes químicos. Método utilizado foi o estudo quase-experimental realizado em instituição filantrópica no Rio de Janeiro em dezembro de 2017 junto a 18 dependentes químicos em tratamento de reabilitação. Optou-se pelo modelo de quase-experimento entendendo-se do potencial benéfico da intervenção por isso optou-se por realizar a comparação com os mesmos sujeitos antes da intervenção não havendo randomização nem grupo controle. O cortisol salivar (hormônio do estresse) foi coletado antes, 60 e 120 minutos após única intervenção musicoterapêutica realizada em grupo. A análise estatística adotou nível de significância de $p < 0,05$ mediante aplicação dos testes não paramétricos de Wilcoxon e de Kruskal-Wallis. Estudo aprovado pelo CEP do Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB/UFRJ) sob nº 1.217.635. os dados sociodemográficos e clínicos dos pacientes foram coletados por meio de entrevista. E a técnica em musicoterapia utilizada foi a Re-criação. Resultados: após 60 minutos da intervenção musicoterapêutica, houve redução estatisticamente significativa nas médias dos níveis de cortisol salivar ($p < 0,001$). Após 120 minutos, também houve redução, mas sem significância estatística ($p = 0,139$). Conclusão: sessão única de 60 minutos de musicoterapia em grupo mostrou-se capaz de reduzir o estresse (níveis de cortisol salivar) de dependentes químicos. É importante dizer que não se teve a pretensão de esgotar todo o conhecimento sobre a utilização da musicoterapia com dependentes químicos nesse estudo. Sugere-se assim, que mais estudos sejam realizados para aprofundar o conhecimento sobre a contribuição da musicoterapia para a redução do estresse do dependente químico.

Palavras-chave: Musicoterapia; Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias; Dependência; Estresse.

¹ Gunnar Glauco De Cunto Carelli Taets. Enfermeiro Especialista em Musicoterapia, PhD em Ciências da Saúde. Professor Adjunto da UFRJ, Campus Macaé. masterufrj@gmail.com

² Chistian Marx Carelli Taets. Aluno da Graduação em Enfermagem da UFRJ, Campus Macaé.

³ Professora de Música do Município do Rio de Janeiro, Mestre em Música e Doutoranda em Educação pela UFRJ/FE.

⁴ Física, Doutorado em Biofísica. Professora Associada da UFRJ.

SALA LEME LOPES

MUSICOTERAPIA PARA A COMUNIDADE : UMA PROPOSTA DE REABILITAÇÃO

Rosemyriam Cunha⁵
Sheila Beggiano⁶

Este trabalho tem por objetivo descrever e indicar resultados de atividades de um centro de atendimento de musicoterapia aberto à comunidade. Por se tratar de um relato, o texto segue a lógica de uma narrativa crítica que trata de fatos circunscritos no período de 2008 a 2017. No decorrer desse período, o centro ofereceu à comunidade da cidade de Curitiba atendimentos musicoterapêuticos no formato de a) processos individuais, b) em pequenos grupos, em encontros semanais; e c) um encontro mensal aberto à comunidade dos participantes, seus familiares, amigos e cuidadores. Todo o trabalho foi centrado na reintegração dos participantes. As atividades musicais se voltaram para a estimulação motora, cognitiva e social em um equilíbrio entre suas possibilidades de ação e suas potencialidades. O encontro grupal foi mediado por professoras musicoterapeutas e alunos estagiários, houve preparo prévio de atividades que buscaram enfatizar a autonomia e tomada de decisões do grupo. Observou-se que os participantes experienciaram o ambiente do centro e do projeto como um espaço de colaboração. Os encontros abertos se definiram em grupos intergeracionais no qual os fazeres musicais integraram crianças, jovens e adultos. A articulação entre os processos individuais e o encontro grupal motivou os participantes a tomarem decisões em relação a escolha de repertório e propostas de atividades e no enfrentamento de desafios voltados para o desenvolvimento de habilidades gestuais, rítmicas e melódicas. Os alunos tiveram oportunidades de colocar em prática a teoria aprendida em sala de aula com apoio e supervisão dos professores.

Palavras-chave : Musicoterapia. Centro de atendimento. Comunidade.

⁵ Professora do curso de Musicoterapia na UNESPAR- Campus de Curitiba II. Coordenadora do Centro de Atendimentos e Estudos em Musicoterapia - CAEMT, na mesma instituição. Doutora em Educação pela UFPR, com pós-doutorado em Educação Musical na McGill University, Canadá. Contato: rose05@uol.com.br

⁶ Musicoterapeuta formada pela FAP (atual UNESPAR). Mestre em Educação pela PUC- PR. Formação em Psicodrama Pedagógico. Professora e orientadora no Curso de Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR. Editora Geral da Revista Brasileira de Musicoterapia.

SALA LEME LOPES

15 MINUTOS DE INTERVENÇÃO MUSICAL REDUZ ESTRESSE E DISTRESS EM PACIENTES COM CÂNCER

Gunnar Glauco De Cunto Carelli Taets⁷
Mariana Scheidegger dos Santos⁸

O uso da música tem significância quando utilizada de forma terapêutica com a finalidade de diminuir os níveis de estresse, ansiedade e desconfortos, principalmente em ambiente hospitalar, em razão dos fatores estressantes gerados e vivenciados pelos pacientes durante determinado tratamento ou pela própria hospitalização. O Objetivo: avaliar o efeito da intervenção musical de 15 minutos em pacientes com câncer em tratamento em um hospital público do interior do Rio de Janeiro. O Método: Trata-se de um estudo quase-experimental do tipo antes e depois realizado em um Hospital Público do interior do Rio de Janeiro. O cortisol salivar e o distress foram mensurados antes e depois da intervenção musical. A dosagem de cortisol nas amostras de saliva foi realizada através de imunoensaio por eletroquimioluminescência Além da saliva, os pesquisadores coletaram através de entrevista, dados sociodemográficos e aplicaram o Termômetro de Distress. A análise estatística adotou nível de significância de $p < 0,05$ mediante aplicação do teste não paramétrico de Wilcoxon. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRJ/Campus Macaé sob nº parecer: 2.053.479 de 09/05/2017. Resultados: A idade média dos pacientes foi de 56 anos ($\pm 17,01$) sendo 73,1% do sexo feminino, 76,9% Brancos, 7,7% negros, 15,4% pardos. 50,0% eram casados, 19,2% solteiros, 11,5% divorciados, 19,2% viúvos. 42,3% com Ensino Fundamental Incompleto, 46,3% com Ensino Médio Incompleto, 7,6% com Ensino Médio Completo e 3,8% com Ensino Superior Incompleto. 42,3% católicos, 42,3% evangélicos, 3,8% budista e 11,5% não tinham religião. Após a intervenção musical, houve redução estatisticamente significativa nas médias dos níveis de cortisol salivar ($p < 0,001$) e do Termômetro de Distress ($p < 0,001$). A conclusão: a intervenção musical de 15 minutos mostrou-se capaz de reduzir o stress (níveis de cortisol salivar) e o distress em pacientes com câncer em tratamento em um Hospital Público do interior do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Música, Musicoterapia, Câncer, Estresse.

⁷ Enfermeiro Especialista em Musicoterapia, PhD em Ciências da Saúde, Professor Adjunto da UFRJ, Campus Macaé. masterufrj@gmail.com

⁸ Aluna do Curso de Graduação em Enfermagem da UFRJ, Campus Macaé. Bolsista IC/FAPERJ.

SALA LEME LOPES

MUSICOTERAPIA MUDA O HUMOR DE PACIENTES SUBMETIDOS AO TRANSPLANTE DE CELULAS-TRONCO HEMATOPOÉTICAS: Ensaio Clínico Randomizado

Carlos Antônio Dóro⁹
José Zanis Neto¹⁰
Rosemyriam Cunha¹¹
Maribel Pelaez Dóro¹²

O transplante de células-tronco hematopoéticas alogênico (TCTH Alo) é um procedimento clínico realizado no combate de várias doenças hematológicas neoplásicas. Combina altas doses de quimioterapia ou radioterapia, possui um grau de toxicidade elevada. O paciente passa por um regime de isolamento social, que causa alterações psicológicas significativas, como ansiedade, perturbações de humor, afetividade embotada e cognição alterada, podendo leva-lo a depressão. Objetivos: Investigar o impacto da musicoterapia na manifestação do humor, ansiedade e dor em pacientes adultos internados para realizar o TCTH alogênico, no Serviço de Transplante de Medula Óssea do Complexo do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná (STMO-CHC-UFPR). Aspectos éticos: “CAAE number 26 404414.9.0000.0096 and registered in clinical trials NCT 02639169”. Intervenção: Foram aplicadas sessões de musica viva por meio dos métodos e técnicas da musicoterapia com a pretensão de mensurar as variáveis humor, ansiedade e dor e verificar se a musicoterapia poderia diminuir as sensações de isolamento, e reestabelecer o bem estar. Método: Foram criados dois grupos; o Grupo experimental musicoterapia (GEM) e o grupo controle (GC). Foram aplicadas sessões de musicoterapia no (GEM) e a escala visual analógica (EVA) antes e depois das sessões de musicoterapia. No grupo controle (GC) que não recebeu musicoterapia foi aplicada a escala visual analógica (EVA) também para as variáveis humor, ansiedade e dor. Resultados: O teste Estatístico de Mann Whitney indicou significância estatística $p < 0,05$ na comparação entre os grupos. Conclusão: A musicoterapia demonstrou ter um grande poder de atuação sobre o ser humano, melhorou o humor, diminuiu a ansiedade e aliviou a dor. Desta forma reestabeleceu o bem estar biopsicossocial dos pacientes internados para realizar o (TCTH) Alogênico e também contribuiu para a humanização do ambiente hospitalar.

Palavras-chave: (EVA), ansiedade, humor, dor, (TCTH alogênico)

⁹ Graduado em Musicoterapia Pela Faculdade de Artes do Paraná (1999). Mestrado em Medicina Interna do Complexo Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná (2016). Curitiba Pr. E-mail: cadoro10@gmail.com

¹⁰ Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Paraná (1980), Mestrado em Medicina Interna pela Universidade Federal do Paraná (1989) e Doutorado em Medicina pela Universidade Federal do Paraná (1999). Curitiba Pr. E-mail: jzanisneto@gmail.com

¹¹ Graduada em Musicoterapia Faculdade de Artes do Paraná (1995). Mestrado em Psicologia da Criança e do Adolescente da Universidade Federal do Paraná (2003) Doutorado em Educação da Universidade Federal do Paraná (2008). Pós-Doutorado na Universidade Macgill, em Montreal, Canadá (2011). Curitiba Pr. E-mail: rose05@uol.com.br

¹² Psicologia na Universidade Tuiuti do Paraná (1981), mestrado em Psicologia da Criança e do Adolescente da Universidade Federal do Paraná (2001) Doutorado em Medicina Interna da Universidade Federal do Paraná (2008). Curitiba Pr. E-mail: maripdoro@uol.com.br

SALA LEME LOPES

O USO DA MÚSICA PELA ENFERMAGEM EM ONCOLOGIA: UM ESTUDO DE REVISÃO INTEGRATIVA.

Gunnar Glauco de Cunto Carelli Taets¹³

Mariana Scheidegger dos Santos¹⁴

Na enfermagem, o uso da música é aplicado como uma forma complementar para o alívio de dores, para o bem-estar, e ainda, para alívio de outros diagnósticos, tais como a angústia espiritual, distúrbios do sono, desesperança, risco para solidão, isolamento social e estresse. O objetivo foi descrever o uso da música pela enfermagem em oncologia. O Método trata de uma pesquisa do tipo revisão integrativa de natureza exploratória com abordagem qualitativa. Realizou-se uma minuciosa busca nas bases de dados Pubmed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram utilizados descritores do DeCS (Descritores em Ciência da Saúde) do Centro Latino-americano e do Caribe de Informação em Saúde e MeSH (Medical Subject Headings) da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos com os seguintes termos, respectivamente: *música and enfermagem and oncologia* e *music and nursing and oncology*, com os filtros: texto completo gratuito, publicações dos últimos 10 anos, pesquisas realizadas com humanos. Resultados: Os artigos apontam que o uso da música em oncologia como um importante instrumento na redução de reações emocionais negativas, e na melhora da qualidade de vida do paciente oncológico. O uso da música promova efeitos fisiológicos, como alterações na pressão arterial, frequência cardíaca e respiratória, redução dos estímulos sensoriais da dor, dentre outros efeitos. Conclusão: O estado da arte da utilização da música pela enfermagem em oncologia ancora-se na possibilidade de efeitos biológicos, emocionais e como ação de sensibilização para humanização da assistência em saúde.

Palavras-chave: enfermagem, música, oncologia

¹³ Enfermeiro Especialista em Musicoterapia, PhD em Ciências da Saúde, Professor Adjunto da UFRJ, Campus Macaé. E-mail: oenfermeiro2007@hotmail.com

¹⁴ Aluna do Curso de Graduação em Enfermagem da UFRJ, Campus Macaé. Bolsista IC/FAPERJ. E-mail: mariegger760@hotmail.com

AUDITÓRIO ICEMA

UTILIZAÇÃO DE MÍDIAS PARA A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: A PERCEPÇÃO DE MUSICOTERAPEUTAS E EDUCADORES

Liliam Cafiero Ameal¹⁵
Gunnar Glauco de Cunto Taets¹⁶
Alfred Sholl-Franco¹⁷

O objetivo desse estudo foi avaliar a percepção de educadores e musicoterapeutas sobre a utilização de mídias para trocar conhecimentos e experiências inclusivas na escola e em espaços destinados a terapias. Metodologia: foi realizada uma pesquisa de campo descritivo-exploratória período de março de 2016 a março de 2017 na qual participaram 63 professores de ensino básico, 59 professores de música, 35 profissionais em educação (não professores) e 25 musicoterapeutas, num total de 182 participantes. Para a pesquisa quantitativa participaram profissionais da educação pertencentes ao quadro de instituições e espaços formais e não formais de ensino atendidas por ações do Museu Itinerante de Neurociências, nos municípios do Rio de Janeiro e Grande Rio e profissionais da musicoterapia atuantes e cadastrados na Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro. Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF/UFRJ) parecer nº 1.394.198. Além disso, criação de uma homepage com um *blog*, em parceria com o *site* Ciências e Cognição (www.cienciasecognicao.org/), para trocas de conhecimentos e experiências entre profissionais e pesquisadores de várias áreas. Resultados: 168 (92,35%) dos participantes dessa pesquisa considera importante ter um veículo específico - como uma página na internet/*blog*, dentre outros - em que fosse possível trocar experiências sobre o uso das artes no processo de inclusão no ambiente educacional e em espaços não formais de educação e, em espaços destinados a terapias. Conclusão: A *homepage* com o *blog* Arte+Ciência e Inclusão foram desenvolvidos para proporcionar um diálogo multidisciplinar com profissionais de várias áreas sobre arte, ciência, inclusão, música, musicoterapia, educação e saúde. Esta página está ativa com publicações quinzenais, geralmente nos dias 1 e 15 de cada mês.

Palavras-chave: Divulgação Científica; Musicoterapia; Educação; Inclusão.

¹⁵ Mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociência, IBqM, UFRJ. Especialista em Musicoterapia. Professora e coordenadora de Educação Musical do Colégio Pedro II, *Campus* Humaitá I. liliamameal@gmail.com.br

¹⁶ PhD em Ciências da Saúde, Especialista em Musicoterapia, Enfermeiro, Professor Adjunto da UFRJ, *Campus* Macaé. masterufrj@gmail.com

¹⁷ Doutor e Mestre em Ciências Biológicas, UFRJ. Professor Associado, UFRJ. Coordenador do Ciências e Cognição - Núcleo de Divulgação Científica e Ensino de Neurociências (CeC-NuDCEN) e do grupo de pesquisa em Neurociências e Educação, NEUROEDUC. alfredsholl@gmail.com

AUDITÓRIO ICEMA

CONTRIBUIÇÃO DA MUSICOTERAPIA PARA EDUCAÇÃO MUSICAL NA DIVERSIDADE: O OLHAR EM PROL DO PROTAGONISMO DO ALUNO

Thelma Sydenstricker Alvares¹⁸

Tendo em vista os desafios encontrados por indivíduos que possuem diagnósticos psiquiátricos, propomos discutir a contribuição da Musicoterapia para a Educação Musical na Diversidade que parte do pressuposto de que o ser humano possui uma natureza complexa que se manifesta de diferentes maneiras incluindo diferenças religiosas, culturais, de gênero, étnicas, sexuais, econômicas que podem levar o indivíduo, com ou sem deficiência, à situação de vulnerabilidade ou risco social. Discutiremos como conceitos da Musicoterapia, como por exemplo, a musicalidade clínica e o *music child*, podem contribuir com o trabalho do educador musical, principalmente quando este se depara com pessoas em situação de vulnerabilidade ou risco social. O trabalho será ilustrado com a experiência das aulas com um grupo de pessoas em sofrimento psíquico que desenvolve um processo coletivo de criação musical. Estas aulas são ministradas por uma musicoterapeuta e educadora musical em uma instituição psiquiátrica com participação de alunos do curso de licenciatura em música. Neste trabalho enfatizamos a importância do protagonismo dos alunos, defendido por Paulo Freire, defendendo que eles sejam o sujeito de sua educação e não o objeto dela. O processo de criação coletiva tem início com a discussão do grupo sobre temas que os participantes consideram relevantes e que são, então, desenvolvidos no processo de criação musical. Acreditamos que as aulas de música têm contribuído com a emancipação do grupo que tem refletido sobre questões relativas ao sofrimento psíquico assumindo um papel ativo no movimento da Luta Antimanicomial. As apresentações do grupo são oportunidades para educar o público e desconstruir preconceitos relativos à pessoa em sofrimento psíquico.

Palavras-chave: Musicoterapia; Educação Musical; Diversidade; Protagonismo

¹⁸ Professora associada da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) de Licenciatura em Música e no programa de pós-graduação em Educação Musical. Membro da curadoria dos Festivais de Arte e Cultura da Diversidade realizado pela UFRJ, desde 2012. Possui Bacharelado em Musicoterapia (Conservatório Brasileiro de Música, 1986), especialização em Saúde Mental (Instituto de Psiquiatria, UFRJ, 1989), mestrado em Terapias Expressivas (Lesley College, 1993) e doutorado em Educação Musical/Musicoterapia (University of Miami, 2001). Foi coordenadora do Curso de Especialização em Terapia das Artes (formação de arteterapeutas e musicoterapeutas) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). tsydalvares@gmail.com

AUDITÓRIO ICEMA

ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE ATRAVÉS DA CRIAÇÃO MUSICAL NA DOENÇA DE CHAGAS – FIOCRUZ RJ

Victor Ramos Strattnner 19
Celso Candido.
Roberto Carlos
Ricardo Malheiros

A música proporciona o fortalecimento dos laços coletivos e de acolhimento, integrando pacientes, como os portadores de Doença de Chagas, a uma rede de apoio às dificuldades como abordagem de tratamento. O objetivo foi utilizar a música, como estratégia de promoção da saúde, integrando Oficinas Dialógicas de Linguagens Sonora e Corporal (ODLSC) com o método ABR (ArtBasedResearch) que vem sendo realizado desde 2016 no programa de CienciArte do Instituto FioCruz RJ. Através da ABR trabalhou-se a sensibilização dos participantes por meio de oficinas mensais nas quais os parâmetros e propriedades do som eram abordados, preparando-os para, no final do estudo, realizar uma atividade musical em conjunto, tocando músicas populares brasileiras com diferentes ritmos da nossa vasta cultura. Ao final de cada oficina, colhemos depoimentos voluntários verbais dos participantes. Os encontros foram realizados com os pacientes com Doença de Chagas e seus familiares, alunos do Curso Falamos de Chagas com Ciência, Arte e Alegria (Fiocruz-junho2017). Houve uma boa aceitação das experiências dos participantes. Muitos relataram que a música pode ajudar no seu tratamento e na busca de uma melhor qualidade de vida. Além disso, percebemos que a música pode ressaltar um maior sentido para a vida, ao retratar aspectos da nossa rica cultura, proporcionando fortalecimento dos laços coletivos e de acolhimento para os pacientes e seus familiares, com uma rede de apoio às dificuldades da vida e dos seus tratamentos. A tríade Música, Promoção de Saúde e ABR podem ser meios para educação em Saúde, ampliando as possibilidades da educação não formal e Promoção da Saúde com a utilização da linguagem musical. Além disso, oferece mecanismos de apresentação de dados via meios artísticos, enriquecendo as possibilidades da divulgação da pesquisa qualitativa para diversos públicos.

Palavras chave: Música, Doença de Chagas, ABR, Promoção da Saúde.

AUDITÓRIO ICEMA

DESENVOLVENDO A OFICINA DIALÓGICA DE LINGUAGENS SONORA E CORPORAL ATRAVÉS DO MÉTODO DA ABR EM UMA CASA DE REPOUSO

Victor Ramos Strattner²⁰
Márcio Luiz de Mello
Adrielle Fernandes
Júlia Fleury

.A saúde do idoso deve ser mais discutida na sociedade brasileira atual, sendo um desafio crescente para a saúde pública diante do acelerado processo de envelhecimento da população. Atualmente, existem diferentes tipos de intervenções voltadas a saúde do idoso, porém ainda poucas abordando a arte, em específico a música, como ferramenta dialógica para promoção da saúde e pesquisa sobre as reminiscência que a música possibilita a essa população. O objetivo foi utilizar o método ABR – ArtBasedResearch,(Leavy2009) para proporcionar a estimulação cognitiva, coordenação motora e socialização utilizando instrumentos musicais, tais como violão e instrumentos de percussão diante do vasto repertório de músicas populares brasileiras, tais como: marchinhas, cirandas e samba. Assim como pensar outras estratégias possíveis para processo de aprendizagem com idosos demenciados, através da leitura e acompanhamento rítmico das canções. Uma vez por semana desde março estão sendo realizados oficinas dialógicas em uma casa de repouso cujo público alvo são idosos, que na sua maioria apresentam doenças degenerativas. As oficinas duram uma hora e meia, com temáticas que são divididas de acordo com os ritmos que vão sendo trabalhados durante a oficina. Esta oficina é um “trabalho em andamento” interdisciplinar, mas que já demonstrou alguns resultados positivos, como por exemplo as cuidadoras que pediram que a oficina fosse realizada mais de uma vez por semana, dizendo através de um um abaixo assinado, que estão aproveitando as oficinas para cuidarem da sua saúde. No que diz respeito aos pacientes percebemos um maior interesse em participar das atividades na medida que a oficina foi se tornando uma atividade de Promoção de Saúde (CARTA DE OTAWA,1986) dentro da rotina dos mesmos. É notável a importância da música para a Saúde do idoso e por isso, faz-se necessário mais pesquisas nessa interface entre Ciência e Arte, para que novas possibilidades de práticas terapêuticas surjam desse diálogo.

Palavras-chave: ABR, Idosos, Promoção de Saúde, Ciência, Arte.

AUDITÓRIO ICEMA

QUANDO ME OUVI CANTANDO: A RESSIGNIFICAÇÃO DE UMA CANÇÃO

Ana Maria Ribeiro Lobato²¹

Este trabalho pretende descrever a emoção que senti, ao rerepresentar, em abril deste ano, uma canção que compus em 1975, para o FUMP (Festival Ubaense de Música Popular). Ao ouvir a minha voz gravada no mp3, letra, melodia e harmonia revelaram a minha história, como uma antecipação do que eu viveria agora. A percepção auditiva é temporal. Quando o ouvinte de uma geração consegue passar esse sentimento para outra (geração) atual, há uma aceitação, pelo fato de reviver uma época à qual não pertenceu e de se inserir no discurso cultural, através da música do outro. Para determinadas pessoas, ouvir a melodia significa mais do que apreciar a letra, enquanto que para outras, a letra fala mais alto que a melodia. Na musicoterapia “Interativa”, o paciente pode atribuir sentido à sua própria produção musical, ser o narrador musical de sua história. A musicoterapia atua como um “facilitador da expressão humana”, permitindo ao indivíduo evoluir em sua busca, através da ressignificação da sua história sonora.

Palavras-chave: Canção. Voz. Audição. Musicoterapia.

²¹ Musicoterapeuta Especialista pelo CBM - CEU/RJ. Especialista em Arte Educação Infantil pela UFJF. Formação Técnica em Instrumento Violão pelo CEHFA /JF. Formação em Psicodrama pela SOBRAP/JF. Experiência em Docência Universitária (2003 - 2010). Professora da disciplina Musicoterapia nos cursos de Fonoaudiologia e Enfermagem / UNIPAC/JF. Professora de Musicalização Infantil / Regência de Coral Infantil / Gravação de CD Infantil com alunos do Sistema Degraus de Ensino/ JF. Instrumentista e Cantora do Grupo Contadores de História - Estação Palco /JF. Professora de Canto do Projeto Curumim - AMAC/ Prefeitura de Juiz de Fora. Musicoterapeuta no Projeto Música na Escola Especial - Escola Estadual Maria das Dores (2003). Professora de Instrumento Violão. Cantora e compositora MPB. Musicoterapeuta Clínica em Juiz de Fora/MG. lobato.anaribeiro@yahoo.com.br

SALA CECON

O MUSICOTERAPEUTA EM ESPAÇOS POLÍTICOS

Adriana de Freitas Pimentel²²

Resumo: Em 2005 e 2008 foram realizadas, pioneiramente, duas Pesquisas no Brasil: a primeira, traz as convergências entre a Política Nacional de Humanização (PNH) e a Musicoterapia, contendo um estudo categórico, correlacionando cada ação da PNH às possibilidades de intervenção musicoterapêutica, realizada pela FIOCRUZ. A segunda, aponta a potência mobilizadora da Musicoterapia, transformando o espaço da Sala de Espera de uma Unidade Básica de Saúde em Nova Iguaçu, em lugar de assistência e expressão política, na interação entre gestores, funcionários e usuários – realizada pela UFRJ. A partir dos resultados dessas investigações, a busca pela inserção da Musicoterapia nos espaços de assistência à saúde tornaram-se meta. O Objetivo deste trabalho é relatar os desafios encontrados na trajetória de uma musicoterapeuta e sanitaria, que, em Nova Iguaçu, ocupa o cargo de Sanitaria desde 2010, e refletir sobre a importância do musicoterapeuta em ocupar espaços políticos para a contínua evolução da profissão no serviço à Saúde. São alguns exemplos dos esforços executados: perseguir a continuidade dos serviços prestados pela Musicoterapia; estudar caminhos estratégicos para implementação da Musicoterapia em serviços novos; criar conexões entre os objetivos dos serviços prestados com as possibilidades do fazer do musicoterapeuta e formular ações políticas para que se concretizem. Entre os desafios estão: a rotatividade dos contratados no serviço público, a falta de conhecimento dos gestores sobre o que é a Musicoterapia e conseqüentemente sobre a sua importância, a prioridade dos gestores numa realidade precária da Saúde no Município, a dificuldade de se colocar em prática as metas pactuadas em planos governamentais de Saúde. Apesar dos desafios, algumas conquistas podem ser citadas, como, a Musicoterapia entrar em 2010 e se manter no Plano Municipal de Saúde, com vigência até 2021; em 2009, todos os musicoterapeutas do município que atuavam na Saúde Mental, foram dispensados, voltando a atuar recentemente, após uma reunião com a Superintendência de Planejamento do Município. A Musicoterapia está presente em projetos do Programa de Saúde do trabalhador desde 2014 e em Projetos parceiros entre a Saúde e a Educação desde 2017. Concluímos que persistência e desempenho na divulgação da profissão fazem diferença. Assim, ocupar espaços políticos de discussões e elaborações de políticas, para o Musicoterapeuta, é uma necessidade.

Palavras-chave: Musicoterapia. Saúde. Política Pública. SUS.

SALA CECON

MUSICOTERAPIA NA REABILITAÇÃO MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES – COMO COMEÇAMOS E COMO ESTAMOS!

Mt. Andréa Toledo Farnettane²³

Venho falar da minha experiência como profissional Musicoterapeuta concursada e lotada na Reabilitação Municipal de Saúde no município de Campos dos Goytacazes, que fica a 280 KM da cidade do Rio de Janeiro – Brasil. Uma trajetória de 16 anos que através do esforço e empenho da musicoterapeuta Ana Christina Santos Mussalem, que ao retornar a sua cidade natal, Campos dos Goytacazes, começa um trabalho de divulgação e implantação da prática musicoterápica. Foram sete anos de persistência para sensibilizar os responsáveis pela saúde do município a implantar o cargo de musicoterapia no serviço público. Em 2001, tal solicitação foi atendida e a musicoterapia fez parte do Concurso Público da cidade e do projeto de implantação do Hospital Geral de Guarus – HGG. Fiz o concurso assumindo uma das vagas para participar da implantação do Hospital na cidade e do processo de expansão de mais um campo de atuação da musicoterapia. Inauguramos o setor de reabilitação dentro do HGG, sempre com o objetivo de promover a saúde através da prevenção, diagnóstico e tratamento, dando prioridade ao idoso, a criança e ao portador de deficiência física. Darei exemplo de um destes tantos pacientes graves onde a musicoterapia teve seu papel importantíssimo, em seu acompanhamento e tratamento, somando com outras especialidades como a fisioterapia e a terapia ocupacional e de como enfrentamos perdas materiais, perdas de recursos humanos e desmonte estrutural sem deixar de dar assistência com qualidade a população local. Atualmente a política do município necessita ampliar o Hospital Geral e, por perceber que o Setor de Reabilitação, sempre foi importante na assistência a população, nos coloca de mudança para a Unidade Básica de Saúde – UBS da Penha, bairro necessitado de assistência como um todo. Neste trabalho tenho esse objetivo de contar nossa história em Campos de como surgimos e de como estamos.

Palavras-chaves: Musicoterapia. Reabilitação Municipal. Histórico.

²³ Graduada em Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário-CEU, Rio de Janeiro (RJ); Especialista em Psicossomática pela Universidade Gama Filho e em Saúde Mental pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IPUB/UFRJ. Coordenadora Técnica e Musicoterapeuta do Centro de Atenção Psicossocial - CAPS III João Ferreira da Silva Filho –Complexo do Alemão - RJ e Musicoterapeuta concursada da Fundação Municipal de Saúde em Campos dos Goytacazes – RJ, lotada Na Unidade Básica de Saúde (UBS) da Penha – Reabilitação Municipal.

SALA CECON

A MUSICOTERAPIA NO TRABALHO DE ARTICULAÇÃO ENTRE USUÁRIOS DA REDE DE SAÚDE MENTAL E TERRITÓRIO

Thereza Christina Accioly²⁴

Franklin Torres²⁵

Esse artigo se propõe expor uma narrativa e relatar a chegada de uma musicoterapeuta no Centro de Convivência e Cultura Oficinas Integradas, dispositivo que compõe a Rede de Atenção Psicossocial da cidade de Niterói / RJ. No decorrer da narrativa será realizada uma breve exposição da trajetória histórica desse dispositivo, além disso, serão expostos os desafios encontrados no trabalho de (re)inserção dos usuários da Rede em seus territórios, através da articulação e parcerias com dispositivos de Cultura e Trabalho existentes na cidade. Para tal a função de articulador social, exercida por toda a equipe de profissionais que compõe este dispositivo, e a especificidade do profissional de Musicoterapia, nessa clínica ampliada, ganhará relevo e será analisada.

PALAVRAS-CHAVE: Musicoterapia; Saúde Mental; Inserção; Território;

²⁴ Graduada em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná com Especialização em Psicologia Analítica pela PUC-PR; formada pelo Instituto Incorporarte do Rio de Janeiro em Arteterapia; Musicoterapeuta no Instituto Fluminense de Saúde Mental de Niterói/RJ e Musicoterapeuta em Centro de Convivência e Cultura Oficinas Integradas da Rede de Saúde Mental de Niterói/RJ. eza11accioly@gmail.com

²⁵ Psicólogo do Caps Linda e Dircinha Batista- Secretaria Municipal de Saúde- Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa; Mestrando em Saúde Coletiva –Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professor da Graduação em Psicologia e da Pós-Graduação em Saúde Mental – Faculdades Integradas Maria Thereza.

SALA CECON

MUSICOTERAPIA, MÚSICA E ARTE – INSTRUMENTOS TERAPÊUTICOS PRIMORDIAIS AOS USUÁRIOS DO CAPS III JOÃO FERREIRA.

Mt. Andréa Toledo Farnettane²⁶

Venho apresentar minha experiência de 8 anos e meio como coordenadora técnica e musicoterapeuta do Centro de Atenção Psicossocial - CAPS III – João Ferreira da Silva Filho e o importante papel deste CAPS na área programática 3.1 que contempla também o Complexo do Alemão, um território violento, no município do Rio de Janeiro – Brasil. O João Ferreira funciona 24 horas e oferece a população local um serviço de qualidade e de promoção a saúde. Costumamos usar o termo usuários para os pacientes referenciados ao CAPS, oferecemos acolhimento e atendimento a adultos com intenso sofrimento psíquico. São pessoas com transtornos mentais severos e/ou persistentes e, também, atendemos alguns casos com comorbidade, ou seja, com comprometimento psíquico mais o uso de álcool e outras drogas. Destaco nesta apresentação o grupo de musicoterapia e as oficinas terapêuticas como: artes, dança, pagode na varanda, a convivência e as saídas externas, todos estes, são considerados espaços terapêuticos de trabalho desenvolvidos pelos profissionais do CAPS, que funcionam como pilares na ação do cuidado visando a dignidade, re-inserção social, construção de autonomia, identidade e cidadania. Enfatizo aqui a relação terapeuta / paciente através da música e da arte; a importância do pertencimento a um grupo; a convivência e comunicação com o outro e a possibilidade de uma estabilização das crises e/ou sintomas agudos dos usuários com transtornos mentais evitando assim as internações em hospitais psiquiátricos pelo Rio de Janeiro. Estes instrumentos terapêuticos de cuidado desenvolvidos funcionam como facilitadores para que os usuários possam enfrentar melhor suas crises e seus sofrimentos. Acredito na clínica ampliada e no cuidado compartilhado. Precisamos ver os usuários como um todo e somos facilitadores para que estes, que normalmente são calados e discriminados pela sociedade, tenham seu espaço e sua voz para enfrentar melhor suas crises e sofrimentos.

Palavras-Chaves: CAPS. Musicoterapia. Oficinas Terapêuticas. Cidadania.

²⁶ Graduada em Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário-CEU, Rio de Janeiro (RJ); Especialista em Psicossomática pela Universidade Gama Filho e em Saúde Mental pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IPUB/UFRJ. Coordenadora Técnica e Musicoterapeuta do Centro de Atenção Psicossocial - CAPS III João Ferreira da Silva Filho –Complexo do Alemão - RJ e Musicoterapeuta concursada da Fundação Municipal de Saúde em Campos dos Goytacazes – RJ, lotada Na Unidade Básica de Saúde (UBS) da Penha – Reabilitação Municipal.

SALA CECON

MUSICOTERAPIA EM UMA ILPI

Márcia Godinho Cerqueira de Souza²⁷

Martha Tannus Vianna Assumpção²⁸

Norma Landrino²⁹

Apresentamos o pioneirismo da Musicoterapia na atenção aos idosos da Casa Gerontológica de Aeronáutica Brigadeiro Eduardo Gomes (CGABEG), fundada em 1985. Contando com três musicoterapeutas civis, o trabalho da Seção de Musicoterapia clínica, criado e desenvolvido nesses trinta e três anos, serve de modelo e incentivo para que outras forças incluam a profissão em seu quadro de saúde, como a Policlínica Naval Nossa Senhora da Glória. Delegações nacionais e internacionais em visitas oficiais, puderam também, aprender e levar para suas unidades e instituições de origem, conceitos técnicos e científicos sobre a importância dos efeitos da música na pessoa idosa. Palestras, seminários, convite para fóruns em diversas instituições militares e civis foram promovidos, a fim de estimular a inserção da profissão nesses setores que visam o bem estar do idoso institucionalizado. Residem na CGABEG 95 idosos: oficiais da reserva, pensionistas e dependentes. Desse quantitativo, 40% são atendidos individualmente e/ou em grupo de acordo com o grau de dependência, pela prevalência dos diagnósticos e sintomatologias apresentados. Tipos de grupo: Preventivo Social, Média Dependência e Geriátrico Total Dependência, em sala apropriada, climatizada, constando instrumentos musicais e recursos diversos. A equipe multidisciplinar, familiares e cuidadores relacionam os efeitos da música na melhoria da: cognição, autoestima, coordenação motora, percepção sensorial e adequação social. Seguindo o Modelo Assistencial Comunitário da CGABEG a Musicoterapia se insere na rede institucional, atuando com metodologias participativa e interativa. É registrado em prontuários internos da seção e prontuários externos a evolução de cada idoso atendido. Incluída também está, na Avaliação Gerontológica e Geriátrica Ampla (AGGA), documento que apresenta informações atualizadas entre as diversas unidades de saúde. Portanto, a Musicoterapia representa importante elo no funcionamento dessa Organização Militar de saúde.

Palavras-chave: musicoterapia, aeronáutica, idoso, cognição

²⁷ Graduação em Musicoterapia. Envelhecimento e Saúde do Idoso – Ensp/Fiocruz. Mestre em Filosofia e Ética – Univ. Gama Filho/RJ. Implantou e chefou o Serviço de Musicoterapia-CGABEG (1985 / 2015)

²⁸ Graduação em Musicoterapia. Envelhecimento e Saúde do Idoso – Ensp/Fiocruz. Musicoterapeuta da CGABEG desde 1985. Chefe da Seção de Musicoterapia desde 2015.

²⁹ Graduação em Musicoterapia. Envelhecimento e Saúde do Idoso – Ensp/Fiocruz. Dificuldades na Aprendizagem – CPII/RJ. Professor I – Educação Musical – SME/RJ. Musicoterapeuta da CGABEG (1985 / 2015). landrinor@gmail.com

SALA ICEMA

MUSICOTERAPIA E ENVELHECIMENTO ATIVO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Laura Tinoco de Paula Ramos³⁰

O presente trabalho tem por objetivo relatar as atividades realizadas em oficinas musicoterápicas da Universidade da Maturidade – UNIMAT, Macaé- RJ, tendo em vista os benefícios que a musicoterapia proporciona para as pessoas que estão em processo de envelhecimento. As oficinas reúnem indivíduos a partir dos 50 anos, uma vez por semana, com a duração de uma hora e quarenta minutos. A partir de atividades lúdicas como: jogos musicais, brincadeiras cantadas, práticas corporais, recriações e outras, observou-se boa participação de todo o grupo, promovendo a circulação dos laços sociais. Buscando oferecer melhor qualidade de vida aos participantes, as oficinas musicoterápicas apresentam estratégias e recursos para estimulação das áreas cognitiva e motora, a partir da memória afetivo-musical. Utilizam-se algumas técnicas musicoterápicas como desencadeadoras do processo terapêutico, tais como: Recriação, Audição e Improvisação. A musicoterapia, nas oficinas, atua como um suporte preventivo-social visando estabelecer vínculos entre os indivíduos do grupo, que buscam um envelhecimento ativo entre todos os desafios e necessidades acarretadas nesta etapa da vida. Entre os vários objetivos do envelhecimento ativo estão a participação e a autorrealização que podem ser alcançados através do trabalho musicoterapêutico. Este forneceu resultados positivos quanto à autoaceitação, a socialização e a manutenção de habilidades cognitivas apresentados e discutidos neste trabalho.

Palavras-chave: Musicoterapia, qualidade de vida, envelhecimento ativo.

³⁰ Laura Tinoco de Paula Ramos é pianista, pedagoga e atuou como musicopedagoga por 30 anos em instituições escolares públicas e privadas. Pós-graduada em Psicopedagogia pela UFRJ. Pós-graduada em Linguística Inglesa Aplicada e Tradução pela Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora e Pós-graduada em Musicoterapia pelo CBM-Rio de Janeiro. Atua como musicoterapeuta na Universidade da Maturidade, curso de extensão da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora em Macaé-RJ. lauratinocodepaula@hotmail.com

SALA ICEMA

PROJETO ENCANTAR: INTERFACE MUSICOTERAPIA E ODONTOPEDIATRIA NA ATENÇÃO HUMANIZADA AO PACIENTE INFANTIL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Thereza Christina Lopes Coutinho³¹

Resumo: O medo e a ansiedade ao tratamento odontológico, principalmente em crianças, afeta entre 5.7% e 19.5%, tornando o atendimento destes pacientes difícil e mais prolongado. Além disso, causam efeitos no corpo, tanto psicológicos quanto fisiológicos: taquicardia, aumento da pressão arterial, secreção de cortisol dentre outros, que afetam, negativamente, o comportamento da criança na cadeira odontológica. Existem vários meios não farmacológicos de controle do comportamento infantil, no entanto, alguns pacientes não respondem positivamente. Os métodos farmacológicos, como a sedação e a anestesia geral, apresentam riscos e efeitos colaterais e por isso, o uso de terapias complementares como a Musicoterapia tem gradualmente sido utilizadas devido ao seu caráter não invasivo. A música é utilizada como recurso terapêutico que visa promover o acolhimento e a humanização no atendimento do paciente, visando uma melhor qualidade de vida, podendo trazer conforto a quem ouve. Estudos usando a audição musical no controle da ansiedade em ambiente odontológico têm obtido bons resultados na redução do impacto negativo do estresse e na prevenção do mesmo. No entanto, o uso da Musicoterapia ativa por musicoterapeuta qualificado como auxiliar no controle do comportamento na área odontológica ainda é um assunto não explorado na literatura. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar um relato de experiência do uso da Musicoterapia prévia ao atendimento de uma criança de 3 anos, paciente da disciplina de Odontopediatria da FO/UFF que apresentava comportamento negativo no atendimento odontológico. Após as sessões individuais de Musicoterapia, observou-se melhora substancial no comportamento do paciente, no que conclui-se que a música promoveu o controle do medo e da ansiedade, aliviando tensões, estimulando a autoconfiança, desenvolvendo a concentração e auxiliando no tratamento odontológico do paciente infantil.

Palavras-chave: Musicoterapia, música, odontopediatria, ansiedade

³¹ Thereza Christina Lopes Coutinho. Graduada em Odontologia pela UFRJ. Doutora em Odontopediatria pela FOB-USP. Pós-Doutora em Biologia Oral pela FOB-USP. Musicoterapeuta pelo CBM-RJ. Professor Associado IV de Odontopediatria da FO-UFF. Coordenadora da Especialização em Odontopediatria da FO-UFF. christina.coutinho@gmail.com

SALA ICEMA

CATALOGAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS MUSICAIS NO CONTEXTO DA REFORMA PSIQUIÁTRICA BRASILEIRA, DE 1987 A 2013.

Tânia Marques Cardoso³²
Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima³³

Esse trabalho é um recorte de dissertação sobre uso da música na saúde mental, que conta uma experiência antes da Reforma Psiquiátrica, no hospital do Juqueri, início do século XX, de modo a estabelecer uma interlocução arte e saúde ainda inserida no único paradigma de atenção em saúde vigente até então, o psiquiátrico, hospitalocêntrico e medicalizador. Por força da lei ou do desejo, as oficinas artísticas e musicais se disseminaram como práticas na atenção psicossocial próximo da metade do século XX e se estabeleceu como característica dos serviços de saúde mental no final daquele e início do século XXI. O sujeito “empurrou” a música para fora dos muros das instituições, levando a espaços públicos. O objetivo do trabalho foi conhecer práticas musicais relativas à dimensão sociocultural da RPb e da luta antimanicomial. A Análise qualitativa de cunho genealógico e pesquisa descritiva de caráter bibliográfico foi o método utilizado. A pesquisa teve suporte financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo. Categorizamos experiências que envolvem performance musical ou radialística em dezenas de trabalhos de bandas, corais, cantores solo, blocos carnavalescos e rádios. Os temas medicação, internação, crise, sofrimento e relações são os mais citados nas letras. A qualidade musical é variável, bem como os gêneros. A maioria absoluta se apresenta publicamente e já gravou CD. Cada experiência possui uma história singular que não pode ser generalizada. Se a ideia de usar música em práticas de saúde mental une as diferentes práticas por um lado, há uma dispersão do trabalho com relação as publicações e divulgação científica sobre os trabalhos. Para este evento, preparamos uma *playlist* no YouTube, com o título: *Música da Reforma Psiquiátrica luta antimanicomial*.

Palavras-chave: Música, Reforma Psiquiátrica brasileira, Saúde Mental, Luta antimanicomial

³² Musicoterapeuta pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, mestra e doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis/SP. Especialista na área de Gestão/Saúde Mental e Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: tanyamarx@hotmail.com

³³ Terapeuta Ocupacional e docente da área na Universidade de São Paulo, orientadora do programa de pós-graduação em Psicologia e Sociedade na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis/SP.

SALA ICEMA

DO LÍRICO ÀS CANTIGAS DE RODA

Orliene Zandonade³⁴

A Musicoterapia (MT) faz parte da interdisciplinaridade do tratamento de doenças da velhice. Ela não cura, mas proporciona uma velhice mais digna, pois estimula as potencialidades individuais, com a Música e/ou seus elementos para facilitar e promover a comunicação, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos. O objetivo deste trabalho é relatar a experiência vivida referente a prática da MT junto a uma paciente (VR – 80 anos) portador da Doença de Alzheimer (DA). Diante do convívio estreito com a Música ao longo da vida, VR ressignifica sua comunicação, seus sentimentos e cognição com repertório que a princípio, Lírico, hoje às Cantigas de Roda. Com a evolução do quadro de saúde, VR interpreta em suas sessões de MT, Cantigas de Roda. A Música, com o objetivo terapêutico, é para VR, algo libertador, pois lhe proporciona estímulo para viver. Como resultado pode-se observar que revive seus tempos de outrora como cantora lírica, passando pelas fases evolutivas de sua enfermidade ancorada em suas canções preferidas, veiculando sua subjetividade e externando sua existencialidade. A voz é seu principal instrumento para o seu processo terapêutico, no qual facilita sua comunicação, expressão, satisfação e interação.

Palavras-chaves: Musicoterapia, Canto Lírico, Alzheimer, Cantiga de Roda

³⁴ Bacharelado em Artes Plásticas (UFES). - Bacharelado em Música – Piano (FAMES). - Especialização em Musicoterapia (UFES).- Membro da ABRAZ/ES,- Prática clínica Musicoterapia/Idosos.- Aulas de Piano. orlienezandonade@hotmail.com

SALA ICEMA

TORNANDO MUSICOTERAPIA CIÊNCIA?

Murillo Corrêa de Brito³⁵

Resumo: A proposta do trabalho é tentar entender como a Cultura Ocidental tende a valorizar e legitimar os saberes, enquanto condição de possibilidade destes se instaurarem como CIÊNCIA. Até que ponto os musicoterapeutas tentam reproduzir esta máxima, no afã de tornar a Musicoterapia ciência, como forma de angariar reconhecimento e respaldo social. O trabalho questiona a condição da Musicoterapia como ciência e tenta evidenciar que, mesmo não tendo esta condição, não invalida seu vigor e o rigor de seu pensar. Será abordada a noção de EXPERIÊNCIA proposta pelo autor Jorge Larrosa como possibilidade de inter-relacionar CIÊNCIA e TERAPIA.

Palavras-chave: Experiência, Ciência e Musicoterapia.

³⁵ Musicoterapeuta graduado no Curso de Formação de Musicoterapeutas no CBM-RJ, professor titular da cadeira de Música Popular Brasileira da faculdade de musicoterapia do CBM-RJ, de 1987 a 2014. Presidência e vice-presidência da AMTRJ de 1999 a 2003. murillodasisas@gmail.com

SALA ICEMA

"SOLFEJO ANDANTE" - UM RECURSO PARA A MUSICOTERAPIA EM ESTIMULAÇÃO COGNITIVA DE IDOSOS DEMENCIADOS

Gabriela Lorenzo Fernandez Koatz³⁶

Antônio Carlos Lino³⁷

Neste relato de experiência, apresentaremos um trabalho de estimulação cognitiva em musicoterapia com a utilização de uma abordagem, a qual chamamos “solfejo andante”, com pacientes idosos demenciados que são atendidos no Centro-Dia de uma instituição pública de pesquisa e cuidado psiquiátrico no Rio de Janeiro. O “solfejo andante” consiste em entoar, a princípio, os sons da escala pentatônica movimentando-se ao longo de uma sequência de placas indicando as vogais, fixadas no piso, dispostas em um percurso semelhante ao do jogo “amarelinha”. Neste trabalho, faremos as respectivas correlações entre o solfejo “andante” e as demandas de estimulação cognitiva dos diversos quadros de transtornos demenciais como: Doença de Alzheimer, Demência Vascular e Demência Frontotemporal. Elaboramos o “solfejo andante” a partir das evidências da neurociência (SLOBODA, 1997; LEVITIN, 2010; entre outros) sobre a atuação da música na estimulação cognitiva. Consideramos que tal abordagem nos traz um material rico para estudo e discussão da prática clínica da musicoterapia com a população idosa em estágios de demência diversos, fundamentando nos conceitos de ISO de Altshuler (apud COSTA, 2008) e de Benenson (1988), juntamente ao que já se tem publicado sobre as práticas da musicoterapia com idosos demenciados e com estimulação cognitiva (ALCÂNTARA-SILVA, MIOTTO e MOREIRA, 2014). Verificamos que o “solfejo andante” promove em nossos pacientes: a estimulação da memória remanescente, memória imediata, memória de evocação, capacidade construtiva visual, raciocínio, concentração para realização das atividades, neuroplasticidade para absorção de novos conteúdos, intencionalidade, orientação espacial, propriocepção e equilíbrio e sentimento de competência. Desta maneira, o “solfejo andante” apresentou-se um valioso recurso no desenvolvimento da musicoterapia em estimulação cognitiva a idosos demenciados.

Palavras-chave: Musicoterapia; Demências; Centro-Dia; Cultura.

³⁶ Bacharel em Musicoterapia (CBM-CEU, 2007) e em Flauta Transversal (CBM-CEU, 2009), Especialista em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil (ME/UFRJ, 2013). Musicoterapeuta do IPUB/UFRJ. gabriela.koatz@ipub.ufrj.br

³⁷ Bacharel em Musicoterapia (CBM-CEU, 2016). Especializando em Psicogeriatria (IPUB/UFRJ-2018/2019). linoac9@gmail.com

SALA ICEMA

MÚSICA NA PROMOÇÃO DE SAÚDE DE UM PACIENTE PORTADOR DA DOENÇA DE ALZHEIMER

Murillo Corrêa Brito³⁸

A proposta do trabalho é relatar parte do processo musicoterapêutico de um paciente portador da doença de Alzheimer, enfatizando como a música pode se tornar SUBSTANTIVA na promoção de saúde. Ou seja, que a música, na sua concretude, suscita questões e desencadeia realidade. O trabalho pretende mostrar as diversas possibilidades da Música em seu papel de protagonismo no tratamento, sendo ela própria propiciadora de qualidade de vida. O processo musicoterapêutico desenvolveu-se na residência do paciente, caracterizando um atendimento individual. Foram realizadas atividades que procuraram trabalhar as queixas manifestas pela família, como: oscilação de humor; embotamento; dificuldades de interagir socialmente; angústia; limitação do esquema corporal e, principalmente, perda paulatina da memória. Serão expostas as possibilidades da música para melhoria destas queixas: canções que se apresentaram, neste caso, como viabilizadoras do vínculo; canções que foram exploradas, dentro do contexto, como preservadoras e estimuladoras de memória; canções que serviram para o paciente como manifestadoras de emoções e, finalmente, canções que foram eficazes para gerar respostas corporais. O trabalho tenta evidenciar a potência e centralidade da música no processo terapêutico de pessoas acometidas pela doença de Alzheimer.

Palavras-chave: música substantiva, canção, terapia e doença de Alzheimer.

³⁸ Musicoterapeuta graduado no Curso de Formação de Musicoterapeutas no CBM-RJ, professor titular da cadeira de Música Popular Brasileira da faculdade de musicoterapia do CBM-RJ, de 1987 a 2014. Presidência e vice-presidência da AMTRJ de 1999 a 2003. murillodasisas@gmail.com

SALA W. ASMAR

BREVE RELATO HISTÓRICO DO INÍCIO DA MUSICOTERAPIA EM ARARUAMA: ABERTURA DE NOVOS CAMINHOS.

Bernardo Valadares Carvalho Di Francesco³⁹

A Musicoterapia no município de Araruama no Estado do Rio de Janeiro teve início em meados de setembro de 2017. A chefia de saúde mental de Araruama, juntamente à chefia do CAPS já expressava interesse na inserção da Musicoterapia na instituição. Assim, foi requerido à Secretaria Municipal de Saúde a criação do cargo de musicoterapeuta, através de contratação. O CAPS visa a reinserção dos usuários de saúde mental na sociedade. O CAPS II de Araruama possui uma equipe multidisciplinar, realizando atendimentos dentro da instituição e visita domiciliar. Os usuários são em sua grande maioria de camadas sociais menos privilegiadas. A maior parte dos pacientes cadastrados possui transtornos provenientes de esquizofrenia ou bipolaridade e uma parcela possui deficiência intelectual. O trabalho de musicoterapia no CAPS consiste em atendimentos individuais ou em grupo. Além disso, realiza visitas ao território do paciente, bem como a participação na organização de eventos internos. São atendidos em média 25 pacientes semanalmente. A chegada do musicoterapeuta a este aparelho de saúde mental teve boa recepção por parte da equipe e usuários da rede. Boa parte dos usuários atendidos na Musicoterapia mostrou alguma melhora em seus quadros e conseqüentemente mais adesão ao tratamento como um todo. A implementação deste campo na saúde mental de Araruama mostra cada vez mais importância, enriquecendo o trabalho de qualidade que a instituição proporciona aos usuários.

Palavras chave: Musicoterapia, usuário, CAPS, saúde mental.

³⁹ Graduado em Musicoterapia pelo CBM-CEU. Atualmente, atuando como musicoterapeuta no CAPS II – Araruama-RJ e atendimentos particulares. Interessa-se pelo Campo da Saúde Mental e Geriatria. bernardo_vcf@hotmail.com

SALA W. ASMAR

A ESCRITA RÍTMICA COMO FERRAMENTA TRANSFORMADORA NA MUSICOTERAPIA

Waldir Lutgardes Neves Lacerda⁴⁰

Esse trabalho relata um caso clínico onde a escrita rítmica consegue romper barreiras e atingir um entendimento, facilitando a comunicação entre musicoterapeuta e paciente. Ao longo do processo caminhos musicais foram apresentados e abordados, muita percussão e muito ritmo, e tudo corria bem até um momento onde se estancou o percurso. Foi quando eu, musicoterapeuta, recorri a minha experiência como músico popular onde aprendi a me desdobrar para escrever a parte rítmica pois a percussão e a bateria eram pouco grafadas. A escrita foi um grande trunfo para o caminhar do atendimento. O objetivo desse trabalho é apresentar possibilidades nem sempre exploradas da música dentro da musicoterapia. O paciente estava se comunicando por ritmo e queria contar muitas coisas, mas eu precisava entender sua linguagem. Ao não conseguir esse elo busquei na minha trajetória musical um modo de passar para o papel toda a história que precisava ser decodificada. Assim conseguimos uma aproximação real e um laço necessário para seguirmos adiante.

Palavras-chave: Musicoterapia. Escrita Rítmica. Ritmo.

⁴⁰ Formado em Musicoterapia pelo CBM/CEU. Lecionou percussão na graduação de Musicoterapia no Conservatório Brasileiro de Música, instrumento que junto com a bateria é sua especialidade. Atendeu em Musicalização Terapêutica na clínica social Ronaldo Milleco e no Espaço Terra Mater e particular. Participou do XII Congresso Mundial de Musicoterapia em Buenos Aires em 2008 e como palestrante do III ENEMT em 2011 e do Fórum de Musicoterapia de 2011 e 2012, ambos no Conservatório Brasileiro de Música. Ministra oficinas de percussão para musicoterapeutas e atende em domicílio e na Escola de Músicos no Jardim Botânico. Foi da comissão organizadora do XV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, do XV Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia e dos I, II e III Seminário Estadual de Musicoterapia. Membro da direção da AMTRJ desde 2014. dilutgardes@terra.com.br

SALA W. ASMAR

DOSES DE CANÇÕES: A COMPOSIÇÃO NA TRAJETÓRIA DO DOENTE TERMINAL

Marcia Bulcão de Moraes⁴¹

Através de uma rápida conversa em janeiro de 2017, sou informada no Conservatório Brasileiro de Música, onde frequento o módulo I da pós-graduação em Musicoterapia, que Maria, uma amiga de longa data, está doente. Decido fazer visitas semanais à Maria que se revelou uma compositora e suas quinze canções se transformaram na expressão de tristeza, angústia, dor e até alegria do doente terminal. Objetivo: Traço como objetivo ampará-la e apoiá-la. Atenta à ética profissional, esclareço que estou ali como amiga e cantora. Maria se descobriu compositora assim que musicou um poema seu. Sua atitude foi tão positiva que essa canção serviu como um portal para outras catorze composições que foram compostas no período de um ano. Resultado: Convivi um ano e sete meses com Maria. Após esse prazo e já formada em musicoterapia, observei que as quinze composições compostas perpassavam os 5 estágios descritos por Elisabeth Kübler Ross no seu livro “Sobre a morte e o morrer” (1998): negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Os sentimentos não se apresentavam de forma linear. Em 2018, Maria escolheu canções de Caetano Veloso para cantar e dois meses antes de falecer sua canção preferida era “João e Maria” de Chico Buarque e Sivuca. O corpo fragilizado pedia “vem, me dê a mão, a gente agora já não tinha medo” e ela se perguntava “o que é que a vida vai fazer de mim?”. Conclusão: A composição espontânea de Maria provocou efeito terapêutico potente que ajudou na condução do processo do doente terminal. Após a elaboração dos sentimentos e principalmente a aceitação da doença, Maria passou a comer doces e pães e voltou a beijar e abraçar os amigos. Doses de canções toda semana lhe deram qualidade de vida.

Palavras-chave: Canção, composição, musicoterapia, doente terminal.

⁴¹ Musicoterapeuta pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, graduada em licenciatura em Música pela UNIRIO, cantora, canta e fala em alemão e inglês. Foco de interesse: geriatria, gerontologia e autismo. mtmarciabulcao2018@gmail.com

SALA W. ASMAR

“CANTAR TUDO O QUE VIER NA CABEÇA, EU VOU CANTAR”: A Associação Livre em Musicoterapia

Tânia Marques Cardoso⁴²

A percepção do detalhe como prática estética na/da escuta psicanalítica. Conceitos de musicoterapia, musicalidade clínica e os autores que aproximam musicoterapia e psicanálise, como Márcia Cirigliano, Diane Austin, Edith Lecourt e outros. A associação livre em psicanálise como regra necessária para o trabalho de uma escuta dirigida aos indícios do inconsciente. A noção de associação livre em psicoterapia vocal e em musicopsicoterapia, propostas por Diane Austin a partir do trabalho sobre o canto. A associação livre cantada como técnica para promover as canções do *self* e o manejo da transferência e contratransferência. A musicalidade clínica e o trabalho de musicoterapia com grupo no contexto da saúde mental, para ampliação do conceito de associação livre cantada para a prática instrumental. A música do cantor baiano Raul Seixas que dá título ao trabalho, como exemplificação do tema em pauta. Trabalho de reflexão teórica, de caráter bibliográfico e com objetivo de descrever o conceito supracitado com objetivo de aproximar áreas do conhecimento para problematizar sobre uma prática grupal.

Palavras-chave: Associação Livre; Associação Livre Cantada, Musicoterapia, Psicanálise.

⁴² Musicoterapeuta pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, mestra e doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis/SP. Especialista na área de Gestão/Saúde Mental e Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: tanyamarx@hotmail.com

SALA 6

AS PISTAS DAS NEUROCIÊNCIAS PARA UM MELHOR ENTENDIMENTO DA RELAÇÃO DO AUTISTA COM MÚSICA

Claudia Eboli C. Santos⁴³

Este trabalho apresenta uma parte da revisão da bibliografia feita na tese de Doutorado “A música como ferramenta de desenvolvimento para crianças autistas: um estudo na interface da musicoterapia com a educação musical à luz dos conceitos de Vigotski” realizada na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A parte abordada neste trabalho diz respeito às relevantes contribuições das neurociências para a área da cognição musical dos autistas e que muito beneficia a musicoterapia e a educação musical. A descoberta recente de um sistema de neurônios denominados espelho (RIZZOLATTI; DESTRO 2009) trouxe uma nova perspectiva para o estudo do funcionamento do cérebro do autista na sua relação com a música. O sistema de neurônios espelho (SNE), de acordo Molnar-Szacaks e Overy (2006; 2009), teria papel de importância na conexão entre o córtex auditivo e o sistema límbico, responsável pelas emoções. Considerados por colegas (MATYJA, 2015) como os mais influentes pesquisadores que investigam a associação do SNE com a música, Overy e Molnar-Szakacs propõem um modelo de trabalho para o potencial papel do SNE nas respostas emocionais incorporadas a música que chamam de Shared Affective Motion Experience (SAME) (MOLNAR-SZAKACS; OVERY, 2006; OVERY; MOLNAR-SZAKACS, 2009). O modelo SAME é proposto como modelo teórico baseado em evidências para as práticas da musicoterapia e da educação musical especial e tem como característica valorizar a experiência musical compartilhada onde a interação, comunicação e aprendizado são facilitados e acontecem em estreita relação com as emoções. Este trabalho, portanto, pretende trazer uma contribuição teórica para a comunidade científica interessada nos estudos da relação do autista com a música, independente de ser musicoterapeuta ou educador musical.

Palavras-chave: Neurociências. Autismo. Musicoterapia. Educação Musical.

⁴³ Bacharel em Piano, Musicoterapeuta, Professora, Mestre e Doutora em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). claudiaeboli@hotmail.com

SALA 6

A MÚSICA COMO TERAPIA NUMA PACIENTE COM HIDROCEFALIA: Relato de Experiência

Celina Amalia Vettore Maydana⁴⁴

Este trabalho tem como foco o relato de experiência, sobre o uso da música como terapia através do canto e do piano durante os últimos oito anos, e ainda em andamento, em uma paciente diagnosticada com Hidrocefalia aos 5 meses. Hoje, aos 43 anos, traz uma história de vida bem complexa, onde apresentou desde bebê alterações físicas, posturais, neurológicas, de fala, de visão, psicológicas e emocionais importantes, porém sem diagnóstico preciso da causa determinante da patologia de que é portadora. Acompanhada por diversos especialistas desde muito cedo (fonoaudiólogo, psicólogo, fisioterapeuta, médico neurologista, médico homeopata e escolas especializadas) alguns retrocessos ocorreram em relação à aprendizagem como um todo, porém não foi submetida a qualquer tipo de cirurgia por decisão dos pais, pela fragilidade que se encontrava na época. O início do processo com a música se deu pelo canto através de um coral, com posterior trabalho no piano, porém sem se afastar do canto até o presente momento. Técnicas musicoterápicas como Experiências Receptivas, Improvisação, Composição e Re-criação além de alguma educação musical foram utilizadas neste processo com objetivo de melhora da qualidade de vida desta paciente em seus diferentes aspectos. Dois encontros semanais acontecem desde então num total de duas horas. Inicialmente um tanto agressiva, tímida e antissocial, tornou-se ao longo do tempo uma pessoa amável, sociável, extrovertida, e segura em suas atitudes e decisões. Atualmente faz além do trabalho com a música, yoga, ginástica e aulas de inglês. Movimenta-se sozinha pela cidade atuando de forma plena dentro de seus limites, mas com reconhecimento da sociedade e principalmente dos familiares de suas capacidades e aptidões.

Palavras-chave: Hidrocefalia, Música, Terapia.

SALA 6

ANÁLISE MICROGENÉTICA DE PROCESSOS PSICOLÓGICOS DE CRIANÇAS AUTISTAS EM UM CONTEXTO DE INTERAÇÃO MUSICAL NA INTERFACE DA MUSICOTERAPIA COM A EDUCAÇÃO MUSICAL.

Claudia Eboli C. Santos⁴⁵

RESUMO: Este trabalho apresenta o estudo de um dos cinco casos estudados na pesquisa de Doutorado “Música como ferramenta de desenvolvimento de crianças autistas: um estudo na interface da musicoterapia com a educação musical à luz dos conceitos de Vigotski” a ser concluída em agosto de 2018 no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Focando na metodologia que foi utilizada para a análise dos dados este trabalho apresenta a ‘metodologia de análise microgenética’ que é baseada nos pressupostos de Lev Vigotski (2001; 2003) e tem como característica o olhar atento aos momentos significativos que indicam a gênese de funções psicológicas superiores. É uma metodologia ainda não explorada por musicoterapeutas e educadores musicais, entretanto tem se mostrado adequada para a análise de processos interativos em sala de aula e em espaços não formais, como brincadeiras, nos quais a intenção é verificar mudanças comportamentais que indiquem o surgimento de funções psicológicas que são consideradas por Vigotski (2003) como superiores, as quais são cruciais para o desenvolvimento de crianças autistas em sua subjetividade. Os resultados apontaram para a adequabilidade de tal metodologia para a análise dos processos interativos musicais que se desenvolveram no campo empírico da pesquisa a qual pode demonstrar como se deu a gênese de funções psicológicas superiores das crianças autistas, sujeitos da pesquisa, em sessões musicais grupais e como o surgimento de tais funções pode beneficiar tais crianças em diversas áreas de seu desenvolvimento fora do contexto da pesquisa, em seu cotidiano. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da UNIRIO e está cadastrada na Plataforma Brasil sob o número 43408715.20000.5285, parecer nº 1123232.

Palavras-chave: Autismo. Musicoterapia. Educação Musical. Análise microgenética.

⁴⁵ Bacharel em Piano, Musicoterapeuta, Professora, Mestre e Doutora em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). claudiaeboli@hotmail.com

SALA 6

A MUSICALIDADE DAS PESSOAS COM TEA E A AUDIÇÃO ESPECTRAL: CONTRIBUIÇÕES DA MUSICOLOGIA CONTEMPORÂNEA.

Clara Márcia Piazzetta⁴⁶

Um dos temas centrais do trabalho da musicoterapia envolve o reconhecimento de como as pessoas se relacionam com os sons e a música. Para isso instrumentos de avaliação foram organizados na musicoterapia por diferentes bases de entendimento. A Musicoterapia Criativa desenvolveu escalas de Avaliação de Relação Terapeuta/Cliente e de Comunicabilidade Musical (ENR1 e ENR2). O modelo Benenzon de musicoterapia apresentou a testificação musical. O desenvolvimento recente de estudos no campo da percepção musical tem se interessado em compreender a cognição musical de pessoas com TEA. O objetivo desta proposta é apresentar os trabalhos com base na cognição musical e musicologia que tratam do entendimento da musicalidade de pessoas com TEA publicados no caderno de resumos da Conferencia Internacional de Percepção e Cognição Musical – ICMPC 15 (2018). A metodologia de estudo é bibliográfica documental exploratória e reflexiva. A partir dos resumos nos anais o tema é aprofundado com a busca pelos métodos citados por Jon William Fessenden (2018): *theory of Weak Central Coherence* (WCC) de Uta Friith e *theory of Enhanced Perceptual Functioning* (EPF) de Laurent Motton bem como, as evidências que indicam ser a ferramenta EPF mais interessante que a WCC para essa população. Os resultados esperados vão ao encontro de ampliar o conhecimento sobre as contribuições da musicologia para a construção desta especificidade da musicoterapia. Segundo Fessenden (2018) existem evidências que a percepção e a cognição sonora de pessoas com TEA são únicas e revelam um desequilíbrio na capacidade de processamento em relação aos elementos espectrais e temporais pelo supercrescimento do lado direito do cérebro e pela lateralização hemisférica direita comumente encontrada na pessoa com TEA. Aprofundamentos nesse tema podem modular as intervenções musicoterapêuticas dentro da abordagem improvisacional e com isso melhorar a efetividade do trabalho musicoterapêutico com essa clientela.

Palavras-chave: musicoterapia, TEA, musicalidade, musicologia

⁴⁶ Musicoterapeuta graduada pela FEMP (1988), Mestre em Música pela UFG (2006). Docente efetiva do Curso de Bacharelado em Musicoterapia da Unespar/FAP. Coordenadora Administrativa do Centro de Atendimento e Estudos em Musicoterapia CAEMT-FAP (2018-2020). Pesquisadora integrante do NEPIM/CNPq. Registro Profissional CPMT-0037/94-PR. clara.piazzetta@unespar.edu.br

SALA 6

REFLEXÕES SOBRE MUSICALIDADE, INTERAÇÕES INICIAIS E A IMPORTÂNCIA DO OLHAR MUSICOTERAPÊUTICO EM ESPAÇOS EDUCATIVOS PARA BEBÊS.

Fabiana Leite Rabello Mariano⁴⁷

Resumo: A história da humanidade revela a constituição musical ao longo de milhares de anos, em uma linguagem significativa para o cotidiano do ser humano moderno. A música, segundo Trehub, entendida como a linguagem das emoções, materializa em estruturas sonoras os sentimentos presentes no imaginário humano. Assim, as proposições presentes neste artigo têm por objetivo uma reflexão sobre a relevância da música no início da vida dos bebês, como um direito ao pleno desenvolvimento de sua musicalidade. Trata-se de uma revisão bibliográfica⁴⁸ delineada como um ensaio científico. O artigo tem início com a apresentação de estudos oriundos, sobretudo, da área do evolucionismo cultural e da biomusicologia, relacionados ao desenvolvimento musical ao longo da história, tornando-se essencial na vida cotidiana das pessoas como forma de expressão e comunicação. Em seguida, estabelecem-se discussões em torno do conceito de musicalidade e da relevância das vivências musicais nos primeiros anos de vida da criança como parte do desenvolvimento da comunicação expressiva segundo a Teoria da Intersubjetividade Inata; por fim, discutem-se a importância do olhar da musicoterapia nesse processo.

Palavras-chave: Bebês; Musicalidade; Desenvolvimento Musical; Musicoterapia.

⁴⁷ Musicoterapeuta (CBM- RJ); Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento (UPM); Doutora em Educação (FEUSP); Docente do Instituto Federal de São Paulo; Contato: fabianalrm@yahoo.com.br

⁴⁸ Reflexões apresentadas no referencial teórico de minha tese de doutoramento: "MARIANO, F. L. R. **Música no berçário: Formação de professores e a teoria da aprendizagem musical de Edwin Gordon.** 2015. 249 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SALA 7

A UTILIZAÇÃO DE IMPROVISAÇÕES MUSICAIS TERAPÊUTICAS NO ATENDIMENTO A UMA CRIANÇA AUTISTA

Danielly de Rezende Coutinho Faria⁴⁹

Um dos grandes desafios terapêuticos no atendimento a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é a comunicação ausente ou desorganizada e um déficit no processamento sensorial, ocasionando um grande prejuízo no seu processo de socialização e desenvolvimento integral. Este caso clínico descreve os atendimentos realizados com uma criança de 4 anos, diagnosticada com Transtorno de Espectro Autista (TEA) Grau Severo, Não-Verbal, submetida a um programa de intervenção clínica, em clínica privada, a partir de encaminhamento médico, do neuropediatra, para diversas terapias, dentre as quais, a Musicoterapia. O estudo teve como base a Improvisação Musical. Através desta técnica, permitiu-se a exploração e a construção de canais comunicativos, interação social e afetiva, e outros benefícios identificados, visto que estes fatores sofrem graves prejuízos inerentes ao TEA. A criança participou de um número de sessões individuais, com a mesma duração e o mesmo ambiente terapêutico. A interação com a musicoterapeuta ocorreu de forma ativa, criativa e participativa, através dos sons por ela produzidos - orais, corporais ou instrumentais, e/ou pelos sons sugeridos pela musicoterapeuta ou sons do ambiente, alternadamente e de acordo com os objetivos terapêuticos, as respostas, o interesse e reações demonstrados do paciente. Foram perceptíveis algumas mudanças comportamentais, na forma de se expressar e se comunicar e na interação com o ambiente, como um todo e nas respostas às demais terapias as quais fora submetido no mesmo período.

Palavras-chave: Musicoterapia. Improvisação musical. Transtorno do Espectro Autista.

⁴⁹ Graduada em Pedagogia pela UNIFESO (2002), Pós-graduada em Psicomotricidade pelo IBMR (2004), em Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música (2005) e em Educação Especial pela UNIRIO (2009). Atua há 24 anos na Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Teresópolis, como professora e na Educação Especial. É Musicoterapeuta Especialista, no Núcleo Terapêutico Interativa, atuando com crianças, jovens e adultos. Atualmente desenvolve um projeto de inserção da Musicoterapia como recurso auxiliar ao processo de aprendizagem de crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista), em uma Escola Municipal de Teresópolis. mtdaniellycoutinho@gmail.com

SALA 7

MUSICOTERAPIA E DIR/FLOORTIME:

um estudo de caso com três crianças com Transtorno do Espectro Autista

Michele de Souza Senra⁵⁰

O presente artigo é derivado de uma pesquisa concluída. O objetivo deste estudo de caso, que envolveu três crianças com Transtorno do Espectro Autista, foi de investigar e analisar se a percepção musical poderia ser comprometida quando apresentavam distúrbios do processamento sensorial, e como o modelo DIR/Floortime poderia contribuir, juntamente com as técnicas de musicoterapia, para minimizar os impactos sensoriais. A metodologia empregada foi um estudo de caso qualitativo naturalístico, aprovado pelo Comitê de Ética, protocolo de autorização nº 2523068. Utilizamos o instrumento *FEAS (Functional Emotional Assessment Scale)* para avaliar o nível de desenvolvimento sensorial, motor e emocional dessas crianças. Aplicamos também, o protocolo de avaliação *IMCAP-ND (Individual Music-centered Assessment Profile for Neurodevelopmental Disorders)* que serviram como base para observamos as filmagens e execução das propostas de interações de musicoterapia Improvisacional e Recriação com o grupo de crianças pesquisadas. Sendo assim, podemos perceber que João apresentava alteração no sistema vestibular (girava em torno do próprio eixo), sistema proprioceptivo (hipotonia); Edson apresentava defensiva tátil e hipersensibilidade auditiva; e Alexandre um perfil sensorial de baixa resposta auditiva. Dos resultados: apesar de João não ter controle sobre o próprio corpo, não alterou sua percepção musical, nem tampouco de Edson. A mudança mais significativa (relacionado a modulação sensorial) foi de Alexandre que aumentou a resposta aos estímulos sonoros. Conclusão: o modelo DIR/Floortime forneceu uma perspectiva de como engajar com crianças com TEA, e como a musicoterapia potencializou esses resultados. O estudo nos mostrou que problemas sensoriais podem dificultar a forma como essas crianças se relacionam com o meio, porém, utilizando as técnicas do DIR/Floortime foi possível melhorar os níveis de desenvolvimento (atenção compartilhada, imitação, interação social, etc) e auxiliar na modulação de alguns aspectos sensoriais.

Palavras-chave: TEA, Musicoterapia, DIR/Floortime

⁵⁰ Especialista em Musicoterapia e Educação Musical pelo CBM-CEU, Mestre em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética, protocolo de autorização nº 2523068. michele.senra.rj@gmail.com

SALA 7

O CAMINHO DA MUSICOTERAPIA NO MUNICÍPIO DE TERESÓPOLIS

Danielly de Rezende Coutinho Faria⁵¹
Ricardo Francisco de Oliveira
Adalgisa de Carvalho

A Musicoterapia tem se tornado mais conhecida, devido a mídia e aos inúmeros trabalhos que vêm sendo divulgados. No município de Teresópolis, Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, o caminho vem sendo construído ao longo dos últimos 20 anos, buscando-se a inserção da profissão nos diversos setores, bem como o esclarecimento junto ao senso comum, referente a cientificidade da Musicoterapia e a valorização dos profissionais, sendo estes dois ainda uma das maiores dificuldades da profissão. A música com finalidade terapêutica foi utilizada pela primeira vez na APAE de Teresópolis, ainda nos anos 90, através de uma iniciativa própria e que nos trouxe o conhecimento da profissão e suscitou o interesse pela formação acadêmica, o que ocorreu nos anos seguintes. Os trabalhos com a Musicoterapia, exercida por profissional iniciaram em 2007, em um Projeto da Secretaria Municipal de Educação, Departamento de Educação Especial, intitulado "Musicoterapia na Sala de Recursos", atendendo cerca de 80 crianças, entre 2 a 5 anos, portadoras de diversas síndromes e deficiências, oriundas das creches municipais. O projeto durou 2 anos, encerrando-se junto a gestão administrativa da época. No decorrer dos anos, outros trabalhos vêm sendo desenvolvidos. As áreas de atuação são: clínica, escolar, saúde mental, hospitalar, domiciliar, atendendo desde a primeira infância até idosos, nas mais diferentes patologias ou necessidades. O grande desafio em nossa Região é buscar a difusão da profissão, expandindo nossa prática profissional não somente na esfera privada, mas promovendo a inserção da Musicoterapia na Rede Pública de Saúde e Educação, viabilizando assim, o acesso e benefícios aos seus usuários e a fomentação a novos profissionais, além da necessidade e busca contínua pelos musicoterapeutas já atuantes, por uma formação sempre atualizada de metodologias e técnicas, junto aos demais musicoterapeutas, permitindo o crescimento profissional.

Palavras-chave: Musicoterapia. Rede Pública. Difusão. Atuação.

⁵¹ Graduada em Pedagogia pela UNIFESO (2002), Pós-graduada em Psicomotricidade pelo IBMR (2004), em Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música (2005) e em Educação Especial pela UNIRIO (2009). Atua há 24 anos na Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Teresópolis, como professora e na Educação Especial. É Musicoterapeuta Especialista, no Núcleo Terapêutico Interativa, atuando com crianças, jovens e adultos. Atualmente desenvolve um projeto de inserção da Musicoterapia como recurso auxiliar ao processo de aprendizagem de crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista), em uma Escola Municipal de Teresópolis.

SALA 7

EXPRESSÃO CORPORAL EM PROCESSO DE MUSICOTERAPIA

Fernanda Soares Pasqual⁵²
Juliana Ribeiro Lopes⁵³
Rosemyriam Ribeiro Cunha⁵⁴

O presente estudo objetiva compreender aspectos de corporalidade e autoexpressão observados em uma criança de nove anos de idade, diagnosticada no Transtorno do Espectro Autista, a fim de estabelecer a comunicação e interação social. Como características clínicas do TEA, se observa comprometimentos em três domínios: interação social, linguagem e comunicação e repertório de atividades e interesses. Foi observado, na criança descrita, referente à interação social, a dificuldade em se relacionar e expressar intencionalidade de maneira compreensível. Quanto à linguagem, pouca comunicação verbal, fala rudimentar, gestos e movimentos incompreensíveis. No domínio de repertórios e interesses, verificamos a presença de comportamentos estereotipados repetitivos, ou estereotípias. Diante do conteúdo não-verbal manifestado no setting, faz-se necessário a compreensão dessas ações corporais como uma forma da criança se autoexpressar e se comunicar. Acompanhadas de vocalizações, as estereotípias são parte de conjunto linguístico multimodal, permitindo ao indivíduo se tornar sujeito de sua expressão. Acreditamos que, no caso em tela, tais movimentos se constituíam como manifestações múltiplas que adquiriam sentido no contexto do que era trabalhado e expressado no momento da interação. Os atendimentos, em número de seis, ocorreram de março a junho de 2018, dentro da prática de estágio curricular em um centro de atendimento em Musicoterapia, ligado a uma instituição de ensino superior da região Sul do Brasil. Foram utilizadas técnicas musicoterapêuticas de recriação e improvisação, descritas por Bruscia. Para o autor, essa técnica fornece um meio propenso para alguém se expressar. Através dela, o improvisador pode externalizar impulsos, liberar energias físicas e emocionais e expressar sentimentos e emoções. Foram observados traços da expressão corporal na interação social e no engajamento nas atividades musicais. Como experiência musical mais utilizada, a improvisação auxiliou no relacionamento da criança com as musicoterapeutas estagiárias e o ambiente da Musicoterapia foi potencializado através de sua autoexpressão durante as sessões.

Palavras-chave: Musicoterapia. Autoexpressão. Transtorno do Espectro Autista. Corporalidade.

⁵² Graduanda em Musicoterapia na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Atualmente participa como bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Musicoterapia na Universidade Estadual do Paraná. Contato: fernandapasqual@hotmail.com

⁵³ Graduanda em Musicoterapia na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Graduada em Arquivologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2009. Especialista em Liderança, Coaching e Gestão de Pessoas (SENAC RS), em 2014. Contato: lopesjulianar@gmail.com

⁵⁴ Professora do curso de Musicoterapia na UNESPAR- Campus de Curitiba II. Coordenadora do Centro de Atendimentos e Estudos em Musicoterapia - CAEMT, na mesma instituição. Doutora em Educação pela UFPR, com pós-doutorado em Educação Musical na McGill University, Canadá. Contato: rose05@uol.com.br

SALA 7

MUSICOTERAPIA NA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: ELABORAÇÃO DE UM INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO MUSICOTERÁPICA COM ENFOQUE COGNITIVO-MUSICAL.

Ms. Mt. Ana Sheila
Tangarife⁵⁵

O presente trabalho apresenta algumas questões relacionadas às dificuldades cognitivo-musicais de pessoas adolescentes e adultas deficientes intelectuais, bem como a elaboração de um instrumento de avaliação para otimizar o atendimento dessas pessoas em Musicoterapia. Trabalhando há muitos anos nessa área como musicoterapeuta, tomei conhecimento das ideias inovadoras de Reuven Feuerstein – autor que considera o deficiente intelectual como uma pessoa com direitos: alguém que existe, que pensa e que cria. Afirma ainda que apesar, de uma discrepância no seu desenvolvimento global, aspira a uma relação verdadeira e autêntica, e não a uma coexistência conformista e irresponsável. Baseados nessas ideias, foi desenvolvido um Perfil de Avaliação Musicoterápica (PAM) a fim de identificar os módulos de processamento mental envolvidos nas atividades musicais. O eixo do trabalho compreende três teóricos, a saber: Feuerstein com o conceito de Modificabilidade Cognitiva Estrutural (MCE); Ayres e Fisher com sua Teoria de Integração Sensorial e o que denominaram Processo de Espiral de Autoatualização e; Swanwick e Tillmann abordando a Teoria do Desenvolvimento Musical (linguagem e jogo imaginativo implicando em transformações estruturais). Através desse conhecimento, podem ser propostos planos ou estratégias musicoterápicas focadas nos resultados da Avaliação, ampliando o leque de possibilidades e progressos nas atividades musicais.

Palavras-chave: Musicoterapia – Deficiência Intelectual – Cognição - PAM

⁵⁵ Graduada em Musicoterapia, Mestre em Educação Musical, Docente do Curso de Graduação e Pós-Graduação em Musicoterapia (no Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário). Coordenadora da Clínica Social de Musicoterapia “Ronaldo Millecco” (CBM). anasheilatangarife@gmail.com

SALA 8

O CAPS NO TERRITÓRIO: DESAFIOS DA INTERFACE ENTRE SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO BÁSICA

Washington Luis Barbosa de Barros⁵⁶

Mariane N. Oselame⁵⁷

Nathalia Soares de Barros de Santana Costa⁵⁸

Adriana Cecília de Araújo Lisboa⁵⁹

Michael Monteiro Freitas⁶⁰

Trata-se de um relato das atividades desenvolvidas, acerca das ações de inserção territorial realizadas no primeiro ano de implementação do CAPS em parceria com os dispositivos da Saúde da Família. O método é desenhado pela observação participante, sistematizado por um grupo focal de escuta e um grupo de musicoterapia no território semanal, além do matriciamento instrumentalizado, por um formulário de identificação e apresentação dos casos, que estimula a produção de novos padrões de relacionamento entre as equipes e usuários e permite ampliar o compromisso dos profissionais com a produção de saúde, à medida que supera obstáculos que interferem na comunicação. Os grupos realizados semanalmente no território permitem um monitoramento mais próximo das equipes e favorecem a construção de vínculos necessários a continuidade do cuidado das pessoas em sofrimento mental. Em consequência observamos um maior número de pessoas deste território integrados a rede de atenção de saúde. O esforço de cobertura de cuidado em saúde mental no território, sistematizando o cotidiano das ações internas e externas de cuidado, sob a perspectiva da integralidade, constitui o desafio de uma abordagem completa de cada pessoa, requer uma combinação de saberes e fazeres, com as devidas competências técnicas e relações peculiares a cada dispositivo de saúde. Isto acontece quando profissionais e organizações de vários núcleos de competência e responsabilidade da saúde, incluindo os usuários, trabalham juntos. Portanto, embora a experiência de integralidade territorial que a equipe 1.0 do CAPS esteja agregando a Saúde Mental com a Estratégia de Saúde da Família, elucida a importância em refletir as seguintes questões: As estratégias de integração corresponderão às expectativas de cobertura e acesso? Como as unidades de saúde devem realizar arranjos para o usuário receber os diversos tipos de serviços de atenção à saúde oferecidos nestas unidades?

Palavras-Chave: Musicoterapia, Matriciamento, Saúde Mental e Atenção Básica

⁵⁶ Rede de atenção psicossocial.

⁵⁷ Musicoterapeuta, Doutoranda em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública- Fiocruz, Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Humana da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Especialista em Saúde Comunitária pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente ocupa o cargo de Presidente da atual gestão da União Brasileira de Associações de Musicoterapia. Foi membro da Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro. mtpamarioselame@blogspot.com.br

⁵⁸ Rede de atenção psicossocial.

⁵⁹ Rede de atenção psicossocial.

⁶⁰ CAPS Carlos Augusto Magal.

SALA 8

DESENVOLVIMENTO DA MUSICOTERAPIA NO HOSPITAL CENTRAL DO EXÉRCITO: RELATO HISTÓRICO DE 1985 A 2017

Leila Brito Bergold⁶¹

Marcus Leopoldino⁶²

Relato histórico da inserção da musicoterapia no Hospital Central do Exército (HCE), Rio de Janeiro-RJ durante 32 anos, período em que os autores chefiaram o Setor de Musicoterapia. Descrever a inserção e desenvolvimento da musicoterapia no HCE de 1985 até 2017 foi o objetivo. Relato baseado em registros realizados no período aponta que os pacientes eram atendidos no Setor de Musicoterapia individualmente ou em grupos, semanalmente, em sala específica com proteção acústica e armários com instrumentos diversos. Eram encaminhados, em sua maioria, por psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e médicos das equipes de reabilitação, psiquiatria ou oncologia. A inserção da musicoterapia se iniciou na psiquiatria, com pacientes internados e ambulatoriais, estendendo-se a pacientes dos setores de Neurologia, Reabilitação, Oncologia e Pediatria. O enfoque era clínico, realizando sessões de musicoterapia, após encaminhamentos pela equipe de saúde, voltadas para a reabilitação física e/ou psicossocial. As atividades do setor depois disseminaram-se por todo o hospital, pela humanização do ambiente a partir de visitas musicais oferecidas pela equipe de musicoterapia: musicoterapeuta e dois músicos treinados. Também desenvolveram-se oficinas de coral, violão e flauta, visando reabilitação e integração entre pacientes de diferentes clínicas e funcionários. Posteriormente iniciaram-se atividades com música para idosos no HCE, que foram estendidas para a Policlínica do Exército com o Coral Polívida, voltado para aprendizagem musical e socialização. Mais recentemente desenvolveu-se o Grupo de Pacientes Egressos da Psiquiatria, conjunto musical voltado à aprendizagem e execução de instrumentos musicais visando reabilitação psicossocial; e Palco Livre, voltado para apresentações musicais de pacientes e servidores. O desenvolvimento da musicoterapia no HCE mudou para o enfoque da promoção saúde, ampliando os atendimentos para tratamentos de doenças específicas para atividades musicais voltadas para humanização da assistência e ampliação da qualidade de vida, promovendo bem-estar e a integração entre pacientes e equipe.

Palavras-Chave: Musicoterapia; Hospital; Humanização da Assistência; Promoção da Saúde

⁶¹ Musicoterapeuta e Enfermeira, professora adjunta da UFRJ-Campus Macaé, Chefe do Setor de Musicoterapia do HCE de 1985 a 2011. leilabergold@gmail.com

⁶² Musicoterapeuta e Psicólogo, Chefe do Setor de Musicoterapia do HCE de 2011 a 2017.

SALA 8

“ALUGA-SE”: UM DISPOSITIVO DE RESISTÊNCIA A PARTIR DA ARTE.

Mariane N. Oselame⁶³

O ano de 2017 culminou numa das maiores crises da rede de saúde do município do Rio de Janeiro. Falta de insumos e medicamentos, atrasos graves de salários dos profissionais e demissões políticas assolaram fortemente a rede. Esse relato objetivou apresentar as estratégias de enfrentamento e resistência dentro de um contexto de precarização a partir uma intervenção artístico-cultural realizada num CAPSad III na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. O sarau “Aluga-se”, realizado pelo e no CAPSad III Raul Seixas aconteceu em agosto de 2017 e teve a participação de aproximadamente 150 pessoas destinou-se comemorar 14 anos de serviço e resistir frente a tentativa de desmonte da rede de saúde mental que estava acontecendo. Utilizar da arte foi uma via para expressar as mazelas desse momento através de outra linguagem, visto que as palavras não estavam dando conta da intensidade vivida nesse período tanto por trabalhadores quanto por usuários e familiares. O Sarau foi pensado junto com os usuários do serviço a partir das oficinas de música. E durante suas cinco horas de vida, contou com atrações de música, artes plásticas, poesia e outras intervenções que tivessem o potencial de renovar as energias de todos para a luta que se colocava a caminho. Alguns serviços parceiros, profissionais, familiares e usuários da RAPS, e convidados da comunidade estiveram presentes contribuindo ativamente com diversas ações artísticas. O palco estava aberto para os atores que haviam preparado suas performances com antecedência, como para o improviso. Esse evento apresentou-se como um dispositivo de promoção da saúde. Um dispositivo estratégico no empoderamento dos usuários daquele serviço, bem como do empoderamento enquanto grupo social: usuários, familiares, profissionais da RAPS e comunidade do entorno. Um dispositivo voltado para o fortalecimento desses atores para que se mantivessem na luta a favor da reforma psiquiátrica e contra o desmonte do SUS.

Palavras-Chave: Empoderamento, Arte, Centro de Atenção Psicossocial

⁶³ Musicoterapeuta, Doutoranda em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública-Fiocruz, Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Humana da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Especialista em Saúde Comunitária pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente ocupa o cargo de Presidente da atual gestão da União Brasileira de Associações de Musicoterapia. Foi membro da Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro. Possui experiência no tratamento de usuários de álcool e drogas, e Infância e Adolescência da rede pública de Atenção Psicossocial. Preceptora de Estágio e Residência Multiprofissional em Saúde Mental no CAPSad III Raul Seixas (Rio de Janeiro). Experiência e participação no desenvolvimento e execução de atividades multidisciplinares de área social. Atuou em treinamentos e capacitação de gestores de RH na área de inclusão social. Experiência com docência universitária e na Formação de professores de rede municipal e particular na área de música e desenvolvimento interpessoal, bem como habilidade em Educação Musical voltada a Educação Infantil. mtpamarioselame@blogspot.com.br

SALA 8

AMT-RJ: UM REFERENCIAL ÉTICO NO PERCURSO DO MUSICOTERAPEUTA

Márcia Maria da Silva Cirigliano⁶⁴

Esta comunicação oral tem por objetivo circunscrever a importância do trabalho engajado do profissional musicoterapeuta, na Associação de Musicoterapia, como sócio e também participante de uma gestão. Ao longo de trajetória pessoal, ocupando cargos de secretário e vice presidente, respectivamente nas gestões de 1990 e 1992 da AMT-RJ, foi possível constatar o quanto o contato com os pares, em reuniões da Associação para tratar assuntos da profissão, alimentou o compromisso, comportamento ético e a construção de uma carreira, no exercício da clínica. Exemplo disso é a atuação, ao longo do tempo em psicanálise e musicoterapia, com produções teóricas articulando os dois campos. Tais produções culminaram em tese de doutorado, defendida em 2015, e consequentes artigos publicados, advindos dessas reflexões. Ainda como consequência da experiência adquirida em trabalho na AMT-RJ, verifica-se, em várias disciplinas da prática docente, o incentivo aos alunos para que se filiem a associações e trabalhem, em suas gestões para, assim, alimentar a competência pessoal, no comportamento ético. Acredita-se, pois, a partir desse relato de experiência, que a singularidade do musicoterapeuta é alimentada pela trajetória da profissão como um todo e esta, por sua vez, enriquece o estilo único e postura teórica de cada musicoterapeuta. Neste interjogo de contribuições, entre cada musicoterapeuta e sua classe profissional, tem-se, como principal resultado positivo, o fortalecimento da profissão, sua ética e lugar destacado na promoção de saúde.

Palavras-chave: Musicoterapia. Ética. Associação profissional.

⁶⁴ Márcia Maria da Silva Cirigliano, psicóloga (PUC, RJ), musicoterapeuta, Mestre em Musicoterapia (Temple University, USA), Doutor em Estudos de Linguagem (UFF, RJ), docente dos programas de Graduação e Pos Graduação em Musicoterapia (Conservatório Brasileiro de Música, RJ), membro da Escola Lacaniana de Psicanálise, RJ. marciasilva105@hotmail.com